

Aryon D. Rodrigues e o *continuum* de conversões do *Colóquio entre as gentes do país de Jean de Léry (1578)*

Janaína T. Cesar

457

Resumo

O *Colóquio entre as gentes do país* compõe um dos maiores clássicos da literatura de viagem do século XVI: *História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América*, publicada em 1578 por Jean de Léry (1536-1613). Considerado por muitos etnógrafos o escritor mais imparcial e objetivo em seu relato sobre a história do Brasil no período colonial: Jean de Léry narra, detalhadamente, elementos culturais dos índios tupinambás, a fauna e a flora brasileira. Tendo em vista sua importância histórica, fazemos deste texto o nosso objeto de estudo na perspectiva benjaminiana dos Estudos da Tradução, mais especificamente, o *continuum* de conversões presentes na tradução de Aryon D. Rodrigues. O foco desta pesquisa é desconstruir o discurso de Léry, imerso no universo renascentista, a fim de expor seu projeto de escritura para, posteriormente, passarmos ao discurso do tradutor: suas ideologias, objetivos e estratégias, que denominamos nesta pesquisa de *Projeto de Tradução*. A tradução de Aryon D. Rodrigues é o destaque deste trabalho por apresentar uma proposta científica para o texto de Léry: o de atualização e restauração do conhecimento sobre a língua tupinambá. A verificação dos dados opera por meio de tabelas onde os diálogos do *Colóquio* são analisados de acordo com o tratamento dado por Aryon d. Rodrigues às informações fornecidas por Léry.

Palavras-chave: Colóquio; Jean de Léry, Aryon Dall'Igna Rodrigues; Continuum de Conversões; Projeto de Tradução.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo explorar as traduções do *Colóquio entre as gentes do país* focado no estudo sobre o *projeto de tradução* de Aryon Dall'Igna Rodrigues, pois entendemos que este procedimento envolve questões pertinentes em relação à construção da visão sobre o indígena no diário de viagem de Jean de Léry do século XVI. O estudo do projeto de tradução é uma reflexão acerca da prática tradutória relacionada aos objetivos e planos estabelecidos pelo tradutor, como por exemplo: bases teóricas, motivações, público-alvo, dentre outros. A pesquisa do processo tradutório é um meio eficaz para identificar as circunstâncias em que a tradução é submetida e de que forma elas influenciam o resultado final da mesma, se há uma aproximação ou distanciamento do projeto inicial do tradutor. A tradução é uma fonte de conhecimento, portanto, estudá-la em seus menores aspectos amplia consideravelmente a margem de informações (indispensáveis) que podemos acrescentar a este conhecimento.

As operações tradutórias que culminaram no *projeto de tradução* de Aryon Rodrigues resultaram do estudo do *projeto de escritura*, ponto crucial do processo, pois é a partir do conhecimento dele que o tradutor formula suas escolhas, de modo a não se distanciar do texto fonte. O projeto de escritura é constituído pela exposição do tema principal da obra, dos objetivos do autor, a quem se dirige o seu trabalho e de que forma ele transmite esta mensagem (linguagem utilizada).

A tradução analisada neste artigo tem como texto fonte o capítulo XX do diário de viagem de Jean de Léry, intitulado "Colóquio entre as gentes do país", apresentado na edição de 2009. O interesse em tratá-la parte do comprometimento científico anunciado por Rodrigues ao apresentar uma nova tradução deste *Colóquio*. Este comprometimento inclui colocar seus conhecimentos específicos em prática, conhecimentos que afetam as informações fornecidas por Jean de Léry em seu relato

do século XVI. Por isso, discutimos ao longo deste trabalho as escolhas tradutórias de Aryon Rodrigues e o impacto que elas geram na forma como o indígena é percebido no relato de Léry, considerado por muitos pesquisadores o precursor da etnografia no período colonial brasileiro.

A metodologia utilizada apresenta as seguintes etapas: 1^a. Definição do corpus da pesquisa que compreende as duas traduções de Aryon Rodrigues para o português do Brasil, totalizando 212 diálogos analisados, cada diálogo podendo conter mais de uma frase ou palavra, levando a um total de 370 falas. Este corpus contém duas traduções realizadas por Aryon Rodrigues, sendo a primeira uma tradução direta da língua francesa do século XVI, e a segunda uma tradução direta da língua tupinambá, restaurada nesta mesma edição pelo referido tradutor; 2^a. Categorização do corpus: observou-se que das 370 falas dos diálogos, 240 não possuem a tradução direta do tupinambá realizada por Aryon Rodrigues, portanto, estabelecemos este aspecto como parâmetro de classificação para os diálogos, separando-os de acordo com a presença ou não desta tradução direta, permitindo assim, visualizar detalhadamente as escolhas feitas por Aryon Rodrigues em cada trecho do diálogo, fornecendo material de comparação entre elas; 3^a. Análise de discurso: os diálogos foram analisados através dos aspectos culturais e linguísticos, com o objetivo de verificar no discurso do tradutor os acréscimos e/ou desmistificações expostas no seu projeto de tradução. Esta última etapa ilustra o grande propósito do projeto de tradução de Aryon Rodrigues, a reconstrução da visão sobre o indígena brasileiro.

Nos tópicos a seguir trataremos brevemente sobre a chegada de Jean de Léry ao Brasil e a origem do seu diário de viagem intitulado "*História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América*"; Explicitaremos também seu projeto de escritura, destacando os principais aspectos de sua obra.

1. JEAN DE LÉRY: VIDA E OBRA

Jean de Léry nasceu em La Margelle na região da Borgonha em 1534. Trabalhava como sapateiro e estudava teologia. Léry embarcou para o Brasil com outros artesãos a fim de participar da tentativa de colonização francesa no Rio de Janeiro, a França Antártica, integrando também a expedição dos reformistas para o Novo Mundo motivado "tanto em virtude do grande desejo que Deus lhe dera, já então, de pôr-se a serviço de Sua glória, quanto por se sentir curioso desse mundo novo" ¹. Na recém-criada colônia francesa de Forte-Coligny havia a promessa de liberdade religiosa para os protestantes, fator que motivou a ida de Jean de Léry ao Brasil. Sob o comando desta colônia estava Nicolas Durand de Villegagnon, cavaleiro da Ordem de Malta e oficial de marinha.

Após oito meses vivendo na França Antártica, os reformistas passaram a ser perseguidos por Villegagnon, que ordenou suas expulsões da colônia francesa — e os que resistiram foram massacrados. Jean de Léry e outros calvinistas se refugiaram por dois meses numa aldeia dos índios tupinambás. Durante este tempo, Léry escreveu diversas observações sobre a cultura, religião, língua e costumes destes índios relatando as curiosidades sobre o Novo Mundo. Ele também denunciou as perseguições religiosas vividas pelos calvinistas no Forte-Coligny, fazendo duras críticas a Villegagnon. Passados os dois meses, Jean de Léry e outros missionários conseguiram regressar à França. Léry permaneceu no Brasil durante o período de março de 1557 a janeiro de 1558 — seu diário de viagem intitulado: *História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América* foi publicado vinte anos após seu regresso a Europa em 1578.

¹ Cf. nota biográfica por Paul Gaffarel, p. 10 em LÉRY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**: Tradução integral e notas de Sérgio Milliet segundo a edição de Paul Gaffarel com o colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas de Plínio Ayrosa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. Coleção General Benício, v. 5. 220 p.

1.1. Projeto de escritura de Jean de Léry: a realidade sobre as expedições ao Novo Mundo

Jean de Léry, enquanto missionário calvinista e cronista, publicou seu diário de viagem com finalidades prático-religiosas: determinado a desmentir as calúnias e as difamações ditas por André Thévet em relação às Américas e aos ministros calvinistas que participaram da expedição ao Brasil. Léry decidiu relatar o que havia presenciado, com o objetivo de informar o público leitor sobre a realidade das expedições e sobre a terra brasileira. De acordo com Léry: "minha intenção e meu objetivo serão apenas contar o que pratiquei, vi, ouvi e observei, quer no mar, na ida e na volta, quer entre os selvagens americanos com os quais convivi durante mais ou menos um ano" ².

Ele escreveu para um público geral, que embora não tivesse uma preocupação científica, como o interesse em suas anotações sobre a gramática da língua dos índios Tupinambá, manifestava um grande interesse em conhecer o exótico³ e o incomum oriundos do Novo Mundo, porque se tratava de uma realidade desconhecida para a sociedade europeia do século XVI. O livro obteve um grande sucesso na Europa ao ponto de eclipsar o livro de André Thévet, *Les Singularités* [As Singularidades], publicado em 1557.

Entre os clássicos da literatura colonial, a obra "História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América" de Jean de Léry, possui um grande destaque: o "Colóquio entre as gentes do país" — sua importância é acentuada pelo

² Cf. Capítulo I, p. 39 de LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*: Tradução integral e notas de Sérgio Milliet segundo a edição de Paul Gaffarel com o colóquio na língua brasileira e notas tupinológicas de Plínio Ayrosa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. Coleção General Benício, v. 5. 220 p.

³ Cf. ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Terra à vista**. 2ª. ed. São Paulo/Campinas: Cortez/Unicamp, 2008. 260p .

conhecimento da história, etnografia, ciências naturais e notícias sobre o Novo Mundo em meados do século XVI. Entretanto, o relato deste cronista francês sobre o indígena brasileiro insere-se no contexto das ideias renascentistas em que a descoberta de um novo universo dá-se mediante a projeção de lendas que envolvem personagens de várias tradições e continentes, tais como Amazonas gigantes e antropófagos (LESTRINGANT, 1997, p. 9). Por causa disso, algumas observações de Léry tinham o "efeito de caricatura", com características não autênticas influenciadas pelo seu imaginário e por coisas que leu e ouviu de outros viajantes/cronistas.

Ainda sim, Jean de Léry, entre todos os outros cronistas do período colonial brasileiro, é considerado o escritor mais imparcial em relação à descrição da cultura indígena, incluindo rituais religiosos. Léry tem um discurso menos preconceituoso que os demais, e isto se deve ao fato de que ele não se limitava em escrever o que via, mas fazia observações de cunho científico, por exemplo, a descrição gramatical da língua tupinambá. Nestes casos o cronista permanece neutro e não inclui comentários pessoais. Esta postura de Léry também é vista como uma confrontação ao catolicismo pregado pelos missionários jesuítas, pois ele buscava ver o índio na perspectiva humanista da Reforma (ORLANDI, 2008, p. 95).

Tendo como base estas informações sobre o projeto de escritura de Léry, apresentaremos a seguir a composição mais detalhada do *corpus* desta pesquisa, para finalmente passarmos às operações tradutórias de Aryon Rodrigues.

2. COLÓQUIO ENTRE AS GENTES DO PAÍS (1578): DIMENSÃO HISTÓRICA

O *Colóquio entre as gentes do país*⁴ é de suma importância por seu valor documental do ponto de vista histórico e linguístico. O seu tema gira em torno da

⁴ Cf. LÉRY, Jean de. **Colóquio entre as gentes do país**. In: História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América. Introdução de Carlos de Araujo Moreira Neto. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009. (Coleção Franceses no Brasil – Séculos xvi e xvii, v. 3). p. 245-268.

chegada de um viajante francês a uma aldeia dos índios tupinambás e à recepção do anfitrião indígena. O *Colóquio* apresenta informações de cunho etnográfico sobre a cultura tupinambá, tornando-se um testemunho da realidade nos primórdios da colonização portuguesa no Brasil. Ele é composto por listas de nomes do corpo humano, elementos referentes à casa e à cozinha, termos ligados à linhagem familiar, tempo, pronome, tempos verbais e expressões para tratamento em diversas situações sociais. Tais observações, gramaticais e culturais, formam o primeiro ensaio publicado sobre aspectos da gramática de uma língua indígena brasileira (Tupi Antigo).

A tradução do *Colóquio*, realizada por Aryon Rodrigues, encontra-se na edição publicada pela Fundação Darcy Ribeiro em 2009. Esta edição contém também um texto fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa: o prefácio redigido por Aryon Dall'Igna Rodrigues, intitulado "A contribuição linguística de Jean de Léry". De acordo com este prefácio, Jean de Léry declara ter redigido o *Colóquio* com a ajuda de um intérprete instruído dos costumes indígenas, pois vivia de sete a oito anos junto aos tupinambás (2009, p. 48). Em função das inúmeras informações de cunho gramatical no *Colóquio*, é muito provável que o mesmo tenha sido redigido com a ajuda dos intérpretes que viviam na colônia e que falavam as línguas indígenas.

Em seu prefácio, Aryon Rodrigues levanta a hipótese de que o *Colóquio* possivelmente teria sido utilizado como um guia de conversação pelos franceses no Brasil, sendo ele um texto básico, às vezes acrescentado com novas contribuições. Sua hipótese se baseia no fato de que outros franceses que foram para o Brasil, como Yves d'Évreux, também publicaram textos semelhantes aos de Léry, da recepção dos Tupinambás aos franceses recém-chegados.

2.1. Aryon Rodrigues e as críticas de tradução do *Colóquio*

No prefácio da edição de 2009, Aryon Rodrigues apresenta seu projeto de tradução e discute também projetos de outros dois tradutores anteriores a ele: Batista Caetano de Almeida Nogueira e Plínio Ayrosa. Ambos apresentam problemas no tratamento da língua tupinambá em suas traduções. No caso de Nogueira (séc. XIX), dois fatores o prejudicaram: o fato do dicionário tupinambá dos jesuítas (*Vocabulário na Língua Brasileira* - 1938) ainda não existir quando sua tradução foi realizada (1876), e o fato de Nogueira supor erroneamente que a língua falada na costa do Rio de Janeiro era idêntica à língua falada pelos índios Guaraní, chamando as duas de Língua Geral e afirmando que não havia diferença fundamental entre elas. Neste caso, o tradutor desconhece os aspectos linguísticos e históricos da obra, o que ocasiona numa tradução descontextualizada e pouco fiel à realidade. É por esta razão que a pesquisa representa uma importante etapa do processo tradutório, pois ela gera um resultado final mais preciso e de melhor qualidade.

Plínio Ayrosa também errou ao introduzir formas do Guaraní na restauração do texto em tupinambá escrito por Léry, e por ter suposto formas que não existem nesta língua. Na edição de Ayrosa, a tradução de Léry do tupinambá para o francês foi excluída, foram apresentados apenas o tupinambá restaurado por Ayrosa e sua respectiva tradução para o português. Ayrosa justifica que a interpretação do tupinambá feita por Léry seria muito vaga, e por isso não achou conveniente mencioná-la. Esta opção editorial, de não inclusão do texto indígena de Léry e sua tradução para o francês constitui uma grande falha, no sentido de que o valor documental para o colóquio foi completamente perdido e foi substituído por um texto descaracterizado devido a uma restauração linguística inapropriada.

2.2. Aryon D. Rodrigues: um projeto de tradução científica

Especialista em línguas indígenas e com uma produção ininterrupta na área durante mais de sessenta anos, Aryon Rodrigues foi uma suma autoridade no que diz respeito à classificação e ao conhecimento linguístico das línguas indígenas no território brasileiro. No projeto de tradução de Aryon Rodrigues, o valor documental (histórico e linguístico) do *Colóquio* foi um aspecto valorizado através da forma como o tradutor dispôs o texto e a tradução dos diálogos. O tradutor dispõe sua tradução recuperando a apresentação de Jean de Léry e optando por duas estratégias de tradução, a tradução direta e a tradução indireta, e isto de maneira concomitante. O tradutor também teve todo o cuidado em cruzar não apenas as três línguas que são objeto da tradução (tupinambá, francês e português), mas ele mantém a historicidade do documento pelo fato de decidir não apagar nem o tupinambá e o francês com as respectivas grafias do texto original de 1578. O fato de não apagar é uma decisão fundamental dentro do processo tradutório já que é isto que permite compreender as operações tradutórias para chegar ao projeto de tradução.

Tais estratégias de tradução mostram claramente que um projeto de tradução bem articulado apresenta várias decisões tradutórias sem que isto afete a coerência e a especificidade da obra. Aryon Rodrigues afirma que o diálogo em tupinambá da edição de 1578 apresenta dificuldades envolvendo, por exemplo, a escrita de Léry que varia muito na representação de certos sons da língua indígena, bem como a descaracterização em diferentes graus de muitas palavras devido a numerosos erros de leitura do manuscrito. Mesmo com as dificuldades apresentadas pela edição original, podemos verificar no projeto de tradução de Aryon Rodrigues o valor científico e ético em resgatar a cultura e a língua tupinambá, abrindo um leque no que diz respeito ao conhecimento das culturas e línguas autóctones presentes no território brasileiro no século XVI.

3. APRESENTAÇÃO E FORMAÇÃO DOS DIÁLOGOS NO COLÓQUIO

O *Colóquio* possui em sua primeira edição (1578) 212 diálogos com transcrições em tupinambá e diálogos em língua francesa do séc. XVI. Na edição de 2009, o *Colóquio* possui diálogos com a transcrição em tupinambá do século XVI, o tupinambá restaurado/atualizado por Aryon Rodrigues, uma tradução do francês renascentista para o português e uma tradução do tupinambá restaurado para o português.

Os diálogos do tupinambá restaurado traduzidos para o português por Aryon Rodrigues consistem na proposta de uma nova tradução para o texto apresentado por Léry; Para esclarecer qual a relação entre as traduções de Jean de Léry e as de Aryon Rodrigues, disponibilizamos no quadro abaixo a identificação dos diálogos no *Colóquio entre as gentes do país*:

Quadro 1: Organização das operações tradutórias do *Colóquio entre as gentes do país*

D I Á L O G O	FRANCÊS	TUPINAMBÁ		PORTUGUÊS		
	JEAN DE LÉRY - 1578		ARYON RODRIGUES - 2009			
	Tradução a partir da transcrição em tupinambá	Transcrição do tupinambá	Tupinambá restaurado (jesuítas - séc.XVII)	Tradução literal a partir do francês do séc. XVI	Tradução do tupinambá restaurado	
N o 33	<i>I'ay apporté des epees de fer.</i>	<i>Arrou itaygapen</i>	<i>(arúr itáyapéma)</i>	<i>Eu trouxe espadas de ferro</i>	<i>(Eu trouxe tacapes de pedra)</i>	

Como já mencionamos no início deste trabalho, categorizamos o *corpus* de nossa pesquisa através de dois parâmetros estabelecidos com base na observação dos dados dos diálogos, o parâmetro de presença ou não presença da operação de tradução direta do tupinambá restaurado (última coluna) realizada por Aryon

Rodrigues, possibilitando assim, estabelecer um foco nas operações realizadas pelo tradutor, identificando os procedimentos utilizados por ele para resgatar as características genuínas dos elementos culturais e linguísticos dos índios tupinambás. No levantamento de dados constatou-se que aproximadamente 65% das 370 falas dos diálogos não possuem esta tradução do tupinambá restaurado feita por Aryon Rodrigues, contra apenas 35% de falas que a possuem. Estes 35% representam a concretização do projeto científico de Aryon Rodrigues, que, neste caso, é a proposta de uma tradução que corrige as informações dadas por Léry em seu *Colóquio*, informações que constituem escolhas de tradução, que podem ser interpretadas, de acordo com o conhecimento científico, como traduções incoerentes do ponto de vista cultural e/ou linguístico.

Os outros 65% revelam duas visões, formuladas pelo próprio Aryon Rodrigues, sobre seu projeto de tradução: a primeira consiste na afirmação de que a tradução do missionário francês é válida e não necessita de correções, porque corresponde à realidade dos tupinambás; a segunda visão revela que uma correção/atualização linguística não é possível, já que os estudos que existem sobre a língua tupinambá são insuficientes para permitirem uma interferência desta grandeza no relato de Léry – fator que compromete a realização completa do projeto científico de Aryon Rodrigues, devido a pouca informação existente sobre este assunto.

3.1. Traduzindo a cultura: *domesticação* no Diário de viagem de Jean de Léry

Como já sabemos, a descrição da cultura dos índios tupinambás é um dos principais aspectos tratados no diário de viagem de Jean de Léry. Devido a este fato, a tradução cultural representa boa parte das modificações propostas por Aryon Rodrigues em seu projeto. Sobre a tradução cultural Homi Bhabha discorre:

[...] a tradução é também uma maneira de imitar, porém de uma forma deslocadora, brincalhona imitar um original de tal forma que a prioridade

do original não seja reforçada, porém pelo próprio fato de que o original se presta a ser simulado, copiado, transferido, transformado etc: o 'original' nunca é acabado ou completo em si. O 'originário' está sempre aberto à tradução [...] nunca tem um momento anterior totalizado de ser ou de significação – uma essência. O que isso de fato quer dizer é que as culturas são apenas constituídas em relação àquela alteridade interna a sua atividade de formação de símbolos que as torna estruturas descentradas – é através desse deslocamento ou limiaridade que surge a possibilidade de articular práticas e prioridades culturais diferentes e até mesmo incomensuráveis. (BHABHA, 1996, p.36)

Tendo como base o conceito apresentado acima por Homi Bhabha, onde na tradução as culturas são constituídas em relação à alteridade interna, podemos aplicá-lo ao caso de Jean de Léry na manifestação de sua consciência voltada para a ideologia do eurocentrismo em sua tradução. Esta visão de mundo de Léry obviamente afeta o modo como ele enxerga o indígena e tudo o que está relacionado à sua cultura, o que por sua vez, afeta diretamente o modo como traduz. O resultado desta visão de Léry sobre o indígena culmina em descrições que possuem elementos incompatíveis com a realidade dos tupinambás. Vejamos no exemplo a seguir como Léry introduz um elemento cultural europeu na fala do índio tupinambá:

Tabela 1: Exemplo da interferência de Jean de Léry no discurso do índio tupinambá.

	Jean de Léry	Aryon D. Rodrigues
Diálogo 33	<i>Eu trouxe espadas de ferro</i>	<i>Eu trouxe <u>tacapes de pedra</u>⁵</i>

Os "tacapes de pedra" são elementos distantes da realidade de Léry, portanto, em sua tradução direta do tupinambá, ele realiza algumas modificações aplicando a estratégia de adequar estes objetos estranhos (para ele) à realidade com a qual está familiarizado. Este procedimento é denominado "domesticação" no campo de Estudos da Tradução; Lawrence Venuti (2003) define a domesticação como um procedimento tradutório que visa facilitar a leitura, eliminando elementos que

⁵ Grifo nosso.

possam prejudicar o entendimento do leitor. Este é um procedimento diretamente ligado à redução do texto estrangeiro em detrimento dos valores culturais da língua-alvo. Este procedimento utilizado por Léry ocasiona em muitas perdas do ponto de vista da tradução, já que o objeto "espada de ferro" é um elemento cultural que não possui nenhum valor para a cultura indígena, somente para a europeia. A interpretação de Jean de Léry sobre o tacape de pedra é obviamente orientada para sua realidade e a de seu público-leitor, bem como o projeto de tradução de Aryon Rodrigues, porém, a tradução de Aryon Rodrigues é marcada por sua cientificidade, portanto, ele assume um compromisso com a comunidade científica de entregar fatos coerentes e reais.

Vejamos a seguir uma ilustração dos tacapes de pedra:

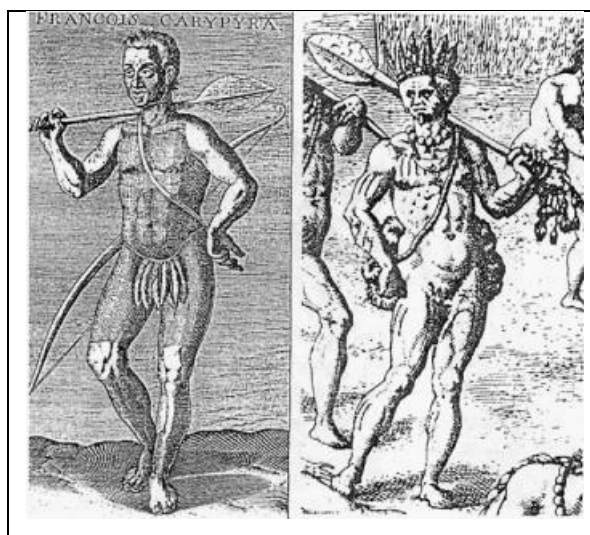


Figura 1. Índio em detalhes, da esquerda para a direita: A) Leonard Gauthier, *François Carypyra*. Claude D'Abbeville. *Histoire de la Mission des Peres Capucins de l'Isle de Maragnan et Terres Circonvoisines...* gravura. Paris, 1614; B) Theodore de Bry. Chefe Tupinambá. *Americae Tertia Pars*. Gravura em cobre. Frankfurt, 1592.

O tacape é um elemento importante da cultura bélica indígena porque é destinado unicamente para a guerra. Trata-se de uma clava – um pau pesado em uma extremidade, que causava danos pelo impacto direto. As formas dessa arma e

até os nomes variam de grupo indígena para grupo indígena.⁶ Quando Aryon Rodrigues retoma este elemento indígena em sua tradução, ele está impedindo que a domesticação do texto de Léry distorça a história sobre a cultura dos índios tupinambás. Por isso dizemos que a tradução de Aryon Rodrigues é científica, pois ela é fundamentada em décadas de estudo e pesquisa sobre a língua dos índios tupinambás e, estes conhecimentos são direcionados para a restauração da cultura dos índios tupinambás.

Através deste exemplo, podemos verificar mais uma vez a concretização do projeto científico de Aryon Dall'Igna Rodrigues, pois ele resgata os elementos culturais e linguísticos dos índios tupinambás que foram domesticados e/ou apagados no relato de Jean de Léry — elementos que podemos classificar como cruciais, pois interpretados através de uma pesquisa linguística, trazem novas informações sobre o povo e os costumes dos tupinambás que habitavam o Brasil no século XVI, por exemplo, mais informações sobre suas armas de guerra, seus rituais, convivência social, hábitos alimentares, vestes e etc.. Através da tradução de Aryon Rodrigues sabemos que batata-doce, feijão e maracujá já faziam parte da cadeia de alimentos consumidos pelos índios tupinambás, ao invés de nabos, favas pequenas e limões como escreveu Jean de Léry. O efeito da tradução de Aryon Rodrigues é o de expansão do conhecimento, pois seu esforço em corrigir algumas escolhas na tradução do tupinambá realizada por Jean de Léry, através do seu conhecimento sobre as línguas indígenas, contribui para uma leitura mais rica e linguisticamente correta sobre os aspectos tratados no diário de viagem de Jean de Léry.

4. O *continuum* de conversões no Colóquio de Jean de Léry

⁶ **Tacape**. Disponível em: <<http://www.historiadigital.org/curiosidades/10-armas-antigas-exoticas/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2014.

A tradução segundo o conceito de W. Benjamin "é a transposição de uma língua para outra por meio de um *continuum* de conversões" (1992, p. 189). Este *continuum* remete às inúmeras operações pelas quais uma tradução obrigatoriamente passa, desde o momento em que nos deparamos com o texto pela primeira vez, escritura de versões, correções e etc., até o momento de "finalizar" uma tradução, que nunca chega a ser realmente um trabalho concluído. Traduzir torna-se um "exercício ininterrupto de conversões" (BENJAMIN apud LEITE, 2010, p.11), pois, a tradução está sujeita aos contextos sociais nos quais ela é inserida, sujeita à experiência da cultura e da língua, e estes são contextos mutáveis. O *continuum* de conversões reside no fato de que buscamos alcançar o ideal até onde a nossa língua nos permite ir.

Este conceito de W. Benjamin torna-se particularmente interessante no caso das traduções realizadas por Aryon Rodrigues para o Colóquio de Jean de Léry, no sentido de que outras necessidades surgiram para complementar e/ou modificar completamente a visão que foi oferecida pela primeira tradução para o português em 1876 de Batista Caetano; Como já discutimos, a ausência de um estudo detalhado sobre a língua tupinambá dificultou significativamente a execução de uma tradução mais fiel à realidade dos índios daquela tribo, por isto nos deparamos com uma tradução incoerente, do ponto de vista linguístico, tendo em vista que parâmetros da Língua Geral foram aplicados como referencial na tradução da língua Tupinambá. Já no século XX, em 1961, no caso de Plínio Ayrosa, vemos um novo projeto de tradução para o Colóquio que promete ser científico, mas que também deixa a desejar no tratamento dado à língua tupinambá quando lhe são atribuídas propriedades linguísticas inexistentes, como as do Guaraní.

Desde estas duas traduções, avanços em relação ao conhecimento científico da língua tupinambá foram alcançados, devido a anos de pesquisa conduzidos por Aryon Rodrigues. Seguindo o raciocínio de W. Benjamin, o projeto de tradução de Aryon D. Rodrigues é o *continuum* de conversões buscando o ideal. Sem estas

conversões o conhecimento científico estaria ameaçado e viveria apenas do pioneirismo da tradução de Batista Caetano. No caso do *Colóquio*, o leitor continuaria imaginando índios manuseando espadas de ferro em pleno século XVI.

CONCLUSÃO

História de uma viagem feita à terra do Brasil é uma obra importante para a linguística tendo em vista a escassez de documentações sobre os tupinambás e o fato da língua tupinambá já ter desaparecido há muito tempo devido à dizimação de seus falantes nativos no processo colonizador. Por isso, é importante ressaltarmos que a tradução desempenha um papel fundamental na preservação histórica, cultural e linguística de um povo; no caso do colóquio redigido e traduzido da língua tupinambá por Jean de Léry, a tradução representa a restauração de conhecimento, que nos revelou detalhadamente os costumes e a cultura dos índios tupinambás no período colonial do Brasil.

O projeto científico de Aryon Rodrigues de restauração e atualização dos conhecimentos sobre a língua e cultura dos índios tupinambás, que buscamos explicitar nesta pesquisa, nos proporcionou uma imagem mais próxima do real em relação ao indígena, através da desconstrução do discurso de Jean de Léry. A desconstrução foi essencial na identificação da manifestação da ideologia eurocêntrica no discurso do indígena brasileiro — um discurso que foi modificado pelo autor, em detrimento da sua visão de mundo e dos seus objetivos. O relato de Jean de Léry alcançou a fama e passou a ser visto como um referencial do que era a realidade no Novo Mundo. Porém, as análises de tradução realizadas nesta pesquisa possibilitaram contestar parte desta realidade apresentada por Léry, por exemplo, a de que índios carregavam espadas de ferro; O projeto de tradução de Aryon Rodrigues expôs assim, as incoerências culturais presentes no discurso do autor, que

consistiam numa estratégia para que seu texto fosse compreendido por seu público-leitor.

Do ponto de vista científico, a tradução de Aryon Rodrigues representa um enriquecimento substancial do aspecto histórico-linguístico do *Colóquio* de Jean de Léry. Seu projeto de tradução, apresentado nesta pesquisa, tem grande importância para a historicidade da tribo tupinambá relatada por Jean de Léry, pois, através das restaurações realizadas por Aryon Rodrigues, houve um resgate das características genuínas deste povo indígena. Assim, podemos concluir que o estudo do projeto de tradução de Aryon Rodrigues vem contribuir significativamente para uma mudança de visão de mundo, já que sua tradução nos remete aos primórdios da descoberta europeia da nação brasileira, nos proporcionando uma visão privilegiada dos aspectos sociais e culturais presentes na época.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem humana. Trad. de Maria Luiz Moita. Relógio D'Água Editores, Lisboa, 1992.

BHABHA, Homi. O terceiro espaço. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, p. 35-41, 1996.

LEITE, M. V. . Estrutura da Linguagem em Walter Benjamin. Ética e Filosofia Política, v. 1, nº. 12, p. 1-10, 2010.

LÉRY, Jean de. Colóquio entre as gentes do país. In: História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América. Introdução de Carlos de Araujo Moreira Neto. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009. (Coleção Franceses no Brasil - Séculos xvi e xvii, v. 3). p. 245-268.

_____. Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil : autrement dite Amérique. La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578 – 1 vol. in 8°.

_____. Viagem à Terra do Brasil: tradução integral e notas de Sérgio Milliet segundo a edição de Paul Gaffarel com o colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas de Plínio Ayrosa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961. Coleção General Benício, v. 5. 220 p.

LESTRINGANT, Frank. O Canibal: Grandeza e Decadência. Tradução Mary Lucy Murray Del Priore. Brasília: Editora UnB, 1997. 285 p.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Terra à vista. 2. ed. São Paulo/Campinas: Cortez/Unicamp, 2008. 260p .

RODRIGUES, Aryon D. Contribuição Linguística de Jean de Léry. In: História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América. Introdução de Carlos de Araujo Moreira Neto. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009. (Coleção Franceses no Brasil – Séculos xvi e xvii, v. 3). p. 43.

_____. Entrevista com prof. Dr. Emérito Aryon Dall'Igna Rodrigues. Brasília: *Revista Traduzires*, volume 1, nº 2, 2012. Entrevista concedida a Prof^a. Dr^a Ana Helena Rossi.

VENUTI, Lawrence. Escândalos da tradução: por uma ética da diferença. São Paulo: EDUSC, 2003. 306 p.